

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOB TERRITORIALIDADE E IDENTIDADE RACIAL A PARTIR DA OBRA “SALVAR O FOGO” EM ESCOLA PÚBLICA DE SALVADOR-BA

Fábia Maria Pereira Santos ¹
Edivania Souza Gonçalves ²
Amanda Margarida Silva de Brito ³

RESUMO

Este relato de experiência apresenta um projeto pedagógico desenvolvido com turmas do 3º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Dinah Gonçalves, localizado no bairro de Valéria, em Salvador-BA. A ação é realizada por bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), vinculado à Universidade Católica do Salvador (UCSAL). A iniciativa tem como eixo central a discussão sobre territorialidade, identidade racial promovendo diálogo entre a obra *Salvar o Fogo*, de Itamar Vieira Jr. e a realidade social dos estudantes. Com atividades que envolvem leitura e interpretação crítica do romance, rodas de conversa, pesquisas, oficinas de escrita e produção de podcasts relacionando a importância do território na afirmação de identidades e cidadania. A ação visa ampliar a consciência crítica, incentivar o protagonismo estudantil e desenvolver o repertório cultural de estudantes do ensino médio. O trabalho tem como bases teóricas as diretrizes da Lei n: 10.639/2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira, a educação libertadora, crítica e dialógica conforme Paulo Freire(1996), reflexões de Djamila Ribeiro(2019) sobre identidade, bem como as implicações do processo de desfiliação do sujeito na sociedade Robert Castel(1998). A culminância do projeto ocorrerá na Semana da Consciência Negra, com a apresentação das produções à comunidade escolar, promovendo reflexões sobre o território no qual a escola está inserida, resistência e valorização das

1 Graduando do Curso de Letras Português da Universidade Católica do Salvador - BA, fabia.santos@ucsal.edu.br;

2 Graduando pelo Curso de Letras Português da Universidade Católica do Salvador - BA, edivania.goncalves@ucsal.edu.br;

3Especialista em Estudos Linguísticos e Literários - UFBA, brito28@gmail.com;





identidades. Os resultados parciais apontam para o aumento do engajamento dos estudantes, ampliação do repertório cultural e aprimoramento das competências comunicativas, evidenciando a relevância de práticas que aproximam literatura e realidade social.

Palavras-chave: Territorialidade, Identidade racial, Ensino Médio.

INTRODUÇÃO

O presente relato de experiência apresenta as vivências das bolsistas do programa institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), financiada pela CAPES, iniciado em dezembro de 2024, por Edivania Souza Gonçalves e Fábiana Maria Pereira Santos, discentes da Universidade Católica do Salvador do curso de Letras Vernácula, durante o acompanhamento das turmas de 3º ano do ensino médio do Colégio Estadual Dinah Gonçalves localizado no bairro de Valéria, na cidade de Salvador. A pesquisa trata do contexto geral de observações e atividades pedagógicas com o tema central Território e Identidade Racial realizadas com o foco na educação antirracista, como previsto nas leis nº 10.639/2003 e 11.645/2008 que tornaram obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena, com o objetivo de compartilhar seus resultados na semana da consciência negra para toda comunidade escolar.

As atividades contaram com a supervisão da professora regente Amanda Margarida Silva de Brito, docente da Língua Portuguesa e atuando na instituição desde o ano de 2002. A compreensão de que a educação antirracista deve ser abordada diariamente no ambiente escolar, como forma de fortalecimento e valorização histórico-cultural, permite enxergar as estruturas sociais do país sob a perspectiva do racismo, ao abordar de forma horizontal a história dos negros escravizados e a ancestralidade, entendendo que o território, hoje conhecido como Brasil foi colônia de povoamento de Portugal, onde pessoas das mais diversas regiões do continente africano foram trazidas sem seu consentimento nos navios negreiros e permaneceram aqui sem direitos mesmo após a abolição da escravatura, faz-se necessário descortinar as marcas sociais deixadas durante período colonial, para que os estudantes compreendam o motivo que o preconceito racial, apesar dos grandes levantes populares e das conquistas alcançadas por toda a população negra, ainda reverbera na sociedade atual de diversas formas.

No espaço escolar é fundamental discutir essa temática pois, a presença e a contribuição do povo negro é importante na formação da cultura brasileira. De acordo com





Kabengele Munanga (2005,p.23) o enfrentamento ao racismo “exige a desconstrução de estereótipos e a valorização da diversidade étnico-racial como riqueza humana”. Assim, a atividade buscou não apenas informar , mas também sensibilizar, estimulando o respeito e orgulho de sua própria cor , origem e história.

METODOLOGIA

No Colégio Estadual Dinah Gonçalves, assim como ocorre em outras instituições da educação pública, se fez necessário um planejamento cuidadoso das práticas pedagógicas voltadas à valorização da identidade e da cultura afro-brasileira. Nesse contexto, foram organizadas oficinas afrocentradas, cujo processo de elaboração envolveu o planejamento da melhor forma de abordagem junto aos estudantes, considerando as especificidades do ambiente escolar em questão e as demandas socioculturais que atravessam o cotidiano. Durante a organização, as pibidianas da UCSAL sob supervisão da Professora Amanda Margarida Silva de Brito, buscaram compreender as realidades e desafios da educação básica, de modo a desenvolver estratégias que favorecessem o diálogo e o respeito à diversidade racial, com a intenção de prover o conhecimento crítico, reflexivo e transformador acerca das temáticas e de sua relevância para a formação cidadã dos estudantes.

A partir da observação inicial realizada nas turmas de terceiro ano do ensino médio, foi possível identificar uma significativa carência de conhecimento acerca de temas ligados às relações étnico-raciais, especialmente no que se refere à compreensão da variedade de tons e cores da população negra e a noção do território enquanto relação de poder. Com intuito de fundamentar teoricamente as futuras ações pedagógicas, as pibidianas desenvolveram aulas de dissertações, tomando autores negros como base para reflexão e aprofundamento. Esse movimento antecedeu a primeira oficina afrocentrada, representando uma etapa fundamental para o planejamento das práticas pedagógicas e para a elaboração de uma abordagem eficaz.

A temática da primeira oficina foi “Identidade Racial e a Dinâmica do Espelho”, realizadas nos dias 02 e 03 de outubro de 2025 no Colégio Estadual Dinah Gonçalves localizado no bairro de Valéria em Salvador-Bahia, nas turmas de 3º ano do ensino médio, que contam com a predominância de estudante negros. O primeiro dia contou com as turmas do matutino, sendo o 3º ano A composta por 20 alunos e o 3º ano B por 27. Já o segundo dia, no turno vespertino, foi executada com o terceiro ano do curso Técnico Logística, que é composto por 19 alunos, visando a importância da formação específica sobre questões





afrocentradas. O projeto foi estruturado com dois propósitos principais: promover a conscientização crítica acerca da temática e possibilitar que os estudantes trabalhassem a autoestima, a partir do reconhecimento de sua própria raça; reforçando que a iniciativa foi acolhida e supervisionada pela professora regente da disciplina de Língua Portuguesa Amanda Margarida Silva de Brito, garantido respaldo pedagógico e institucional para a execução das atividades.

A oficina foi organizada integrando teoria e prática, em consonância com os princípios da educação libertadora, que valoriza o diálogo e a construção do conhecimento de forma crítica e participativa (FREIRE, 1996 p.48). Iniciou-se às atividades com a apresentação teórica do conteúdo e explorando uma diversidade de pontos ligados a identidade racial, como: colorismo, autodeclaração e preconceito racial, contextualizando os conceitos com o dia a dia dos estudantes. Em cada etapa, foram promovidas reflexões coletivas, incentivando os mesmos, para que compartilhassem experiências relacionadas à sua identidade, pertencimento e percepção social. Trechos do livro Salvar o Fogo, de Itamar Vieira Júnior, foram utilizados como referência literária, permitindo que os estudantes estabelecessem conexões entre a narrativa da obra e suas próprias vivências.

Abordamos como cada indivíduo se enxerga e é visto sob a ótica da sociedade por causa dos seus traços fenotípicos e de como o racismo apresenta-se em diversas formas, seja segregacionista, institucional, cultural, recreativo ou estrutural, com isso já incluímos de modo breve, um diálogo sobre Território. Ao trazermos certas situações e provocações aos alunos do 3º ano técnico em logística, questionando-os sobre quem já acessou determinados espaços em um shopping popular da capital baiana, a maioria afirmou não se sentir confortável com os olhares ou que nunca transitou pelo ambiente. Essa segregação espacial pode ser entendida como uma forma de geografia de classes, que visa atender as necessidades de determinados grupos sociais e excluir principalmente a população marginalizada.

As discussões também abordaram o colorismo e as diferentes formas de discriminação entre pessoas negras, permitindo aos estudantes compreender como a percepção social sobre tons de pele pode influenciar experiências individuais. Para ilustrar essas questões, foi apresentada uma passagem do livro Salvar o Fogo (VIERIA JÚNIOR, 2016, p. 135): “Minha boa mãe que sonhava com uma família mais clara destinada a ser salva da miséria pela sorte que só gente branca pode ter”, que gerou reflexão sobre expectativas sociais e preconceitos internalizados em relação à cor da pele. Uma grande parte dos presentes se surpreenderam com a variedade de tons de pele que podem definir a raça de uma pessoa, e questionaram a informação se pretos e pardos seriam ou não pessoas negras, por esse motivos, expusemos em





sala de aula que ao pesquisarmos sobre “população” no site do governo federal, obteremos o resultado: “A população negra é considerada como o conjunto das pessoas residentes que se declaram como pretas e pardas.”

No segundo momento, ponto de maior resistência por parte dos alunos, ocorreu a dinâmica do espelho, onde individualmente foram convidados a se aproximar de uma caixa surpresa (com um espelho e sem aviso prévio do que possuía dentro) e ao abri-la tiveram que proferir em voz alta uma frase positiva e quais eram as expectativas que cada um tem para o futuro da imagem ali refletida, sem expor que se tratava deles mesmos, refletindo sobre expectativas pessoais, autoestima e reconhecimento da própria identidade racial. Ficou perceptível a dificuldade que esses jovens possuem em se avaliar positivamente e expressar um objetivo real para o futuro, além de afirmar que apenas desejavam realizar seus sonhos, uma vez que não sabiam definir quais eram. Essa atividade criou um espaço seguro para diálogo e autopercepção, fortalecendo a valorização da diversidade e o respeito às diferenças, reforçando a importância de estratégias que promovam conscientização e autoestima.

Na sequência das atividades programadas aos discentes, realizamos mais duas aulas dinâmicas voltadas para a conceituação do Território enquanto relação de poder. No dia 30 de outubro de 2025, além de fazermos um resgate sobre quem é o autor Itamar Vieira Junior, qual a relevância do livro “Salvar o Fogo”, focamos em explorar com os alunos o Território enquanto herança e luta, como corpo e espiritualidade, como espaço de oralitura, sempre realizando a ligação da obra com a realidade dos jovens e os questionando sobre a compreensão do conteúdo.

Em 06 de novembro de 2025 realizamos a última aula que antecedeu a culminância do projeto, tendo a temática “Território: Valéria x Tapera”, revisamos território, dialogamos sobre os desafios enfrentados pelas margens, abordamos a geografia e a história local e a força das mulheres negras, observamos nos estudantes um maior engajamento, onde trouxeram relatos de pessoas que ficaram desabrigadas devido algumas mudanças que o estado vem realizando na localidade. Finalizamos com uma dinâmica, onde personalidades femininas negras como Luisa Mahin, imagens de pibidianas e alunas foram abordadas para os inspirar na produção das dissertações sobre o Território.

Ao longo das oficinas, os estudantes foram incentivados a relacionar teoria e prática, reconhecendo-se como sujeitos de direitos e agentes ativos na construção de sua identidade e cidadania. As atividades estimularam a valorização da própria história e da cultura afro-brasileira, além do respeito para com as trajetórias dos colegas, contribuindo para a construção de uma consciência crítica sobre diversidade racial, pertencimento e justiça social





no ambiente escolar. A culminância do projeto se deu na semana da Consciência Negra, na qual os alunos expuseram quadros, maquetes, vídeos e utilizaram da oralidade no que diz respeito à apresentação das produções realizadas. Com bastante êxito, conseguiram repassar a comunidade escolar de modo objetivo e assertivo as noções de Identidade Racial e Território, a partir do que aprenderam nas formações realizadas pelos pibidianos ao longo das oficinas.

REFERENCIAL TEÓRICO

O presente trabalho tem como base as Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008, que tornaram obrigatória a inclusão da história e cultura afro-brasileira e indígena no currículo escolar. Essas leis reforçam a necessidade de práticas pedagógicas que reconheçam a presença e a contribuição dos povos negros e indígenas na formação da sociedade brasileira. Nesse mesmo sentido, Paulo Freire (1996) defende uma educação voltada para a libertação, na qual o diálogo e a reflexão são caminhos para a consciência crítica e o reconhecimento de si e do outro.

Para ampliar esse debate, trabalhou-se com ideais de autores como Djamila Ribeiro (2019) e Kabengele Munanga (2005) que contribuem ao discutir a importância de desconstruir estereótipos e promover o reconhecimento das identidades negras. De acordo com o Ministério da Igualdade Racial (2025), a população negra é composta por pessoas que se autodeclararam pretas e pardas, o que reforça a importância do ato de se reconhecer racialmente como forma de resistência e pertencimento. Nesse contexto, a *Dinâmica do Espelho* (IBND, 2024) foi utilizada como um recurso pedagógico que convida os estudantes a se olharem de forma positiva, refletindo sobre quem são e valorizando suas histórias, traços e ancestralidades. Robert Castel (1998) também contribui para essa discussão ao abordar os processos de exclusão e desfiliação social, que ajudam a compreender como o racismo e a desigualdade ainda produzem distâncias simbólicas e materiais entre os grupos sociais.

A literatura também foi um instrumento essencial de reflexão. No livro *Salvar o Fogo* (VIEIRA JÚNIOR, 2023), especialmente na página 190, a personagem Maria Cabocla expressa orgulho do próprio nome e da memória de seu povo, mostrando o quanto a identidade é construída a partir da ligação com as origens e com o território. Esse trecho dialoga com o pensamento de Lélia Gonzalez (2020), que afirma: “A gente não nasce negro, a gente se torna negro. É uma conquista dura, cruel e que se desenvolve pela vida da gente afora. Aí entra a questão da identidade que você vai construindo. Essa identidade negra não é uma coisa pronta, acabada.” Assim, a literatura e a prática pedagógica se unem como





caminhos para fortalecer o reconhecimento da identidade racial, estimulando os estudantes a valorizarem suas raízes e compreenderem o poder da representatividade em suas vidas.

RESULTADOS

E

DISCUSSÃO

Os resultados alcançados através das discussões abordadas foram satisfatórios, visto que a intenção era estimular o olhar crítico e reflexivo dos alunos para as questões de reconhecimento. Foi possível observar através das reações de cada discente no momento das dinâmicas propostas em sala, desde o espanto, da fala e das emoções transmitidas, demonstrando o quanto o racismo afeta a autoestima, a imagem que visualizam no espelho, a ideia que o próprio racismo consolida na formação da identidade desses jovens. O que nos leva a refletir, de que forma nós educadores somos responsáveis por inserirmos nesse cenário tão cruel e discriminativo? Como as práticas antirracistas vêm sendo apresentadas, com que frequência e de qual maneira? É necessário indagar como se deve abordar e tratar do tema, porque apesar de parecer distante para alguns, não se pode ignorar que é um problema social, estrutural, racial, étnico e que precisa ser combatido a cada dia. Enquanto pessoas pretas são vítimas de balas perdidas e de falta de oportunidade na ocupação em cargos importantes, será preciso lutar, para que se rompa o silenciamento em cima da realidade espacial a qual esses estudantes estão inseridos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

É Fundamental ressaltar que as experiências vivenciadas foram essenciais tanto para os alunos quanto para os pibidianos, visto que, muitos discentes pouco participativos por timidez ou por desconhecimento das questões raciais que os atravessam. Para nós, o desenvolvimento do protagonismo enquanto futuros docentes, seja nos debates e construção e efetivação que atendam às necessidades da clientela escolar, é de suma importância já que desta forma a nossa formação proporcionada pelo programa (PIBID), nos permite vivenciar com autonomia todos os momentos que envolvem a nossa participação ativa na escola.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Deus e aos Orixás pela força e perseverança que nos permitiram concluir esta pesquisa. À professora Amanda Margarida Silva de Brito, nosso reconhecimento





pelo apoio, incentivo na preparação das atividades e pela oportunidade de vivenciar cada experiência com os alunos na prática. À professora Liliane Vasconcelos de Jesus, agradecemos pelas orientações em cada etapa da pesquisa, pelo olhar atento às correções e por nos incentivar para adentrarmos no campo de pesquisa. Reconhecemos também ao Colégio Estadual Dinah Gonçalves a confiança em nosso trabalho e a cessão do espaço, que possibilitaram a realização e entrega do estudo da melhor forma possível. Por fim, agradecemos uma à outra pelo companheirismo e comprometimento durante todo o desenvolvimento do trabalho.

REFERÊNCIAS :

BARRETO, Raquel. “Uma pensadora brasileira: Lélia Gonzalez.” Revista Cult, UOL, 2019. Disponível em: RevistaCult.uol.com.br. Acesso em: **20 nov. 2025**.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/norma/552515/publicacao/15678072>. Acesso em: 20 nov. 2025.

BRASIL. Ministério da Igualdade Racial. *População negra*. Hub Igualdade Racial, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/igualdaderacial/pt-br/composicao/secretaria-de-gestao-do-sistema-nacional-de-promocao-da-igualdade-racial/diretoria-de-avaliacao-monitoramento-e-gestao-da-informacao/hub-igualdade-racial/populacao>. Acesso em: 12 set. 2025.

CASTEL, Robert. As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário. Petrópolis: Vozes, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Nilma Lino. O movimento negro educador. Saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis, RJ: vozes, 2017.





IBND – INSTITUTO BRASILEIRO DE NEUROPSICOLOGIA E DESENVOLVIMENTO.
O que é a dinâmica do espelho? Blog IBND, 27 dez. 2024. Disponível em:
<https://www.ibnd.com.br/blog/o-que-e-a-dinamica-do-espelho.html>. Acesso em: 10 set. 2025.
RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. *Salvar o fogo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

MUNANGA, Kabengele (org.). *Superando o racismo na escola*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SODRÉ, Muniz. *Claro e Escuros – identidade, Povo e Mídia no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1999.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

IMPORTANTE:

Após publicados, os arquivos de trabalhos não poderão sofrer mais nenhuma alteração ou correção.

Após aceitos, serão permitidas apenas correções ortográficas. Os casos serão analisados individualmente.

